

DIAS 8 E 9 DE NOVEMBRO DE 2018

A OBESIDADE COMO UM FATOR DE IMPACTO E PROBLEMA NA SAÚDE PÚBLICA, E SEUS FATORES DE INFLUÊNCIA.

Bianca Sthefany Barçante Santana¹, Cristina Maria Lobato Pires², Cinthia Mara de Oliveira Lobato Schuengue³.

¹ Graduanda em Enfermagem, Faculdade Vértice (Univertix), biancasthefany_05@hotmail.com.

² Mestranda em educação, Enfermeira, FACIG, e-mail:crismlpires@hotmail.com

³ Doutora em educação, Enfermeira, FACIG, e-mail: cmol07@hotmail.com

Resumo- A obesidade é uma doença caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura corporal em nível que compromete a saúde dos indivíduos, acarretando prejuízos tais como alterações metabólicas, dificuldades respiratórias e do aparelho locomotor. Atualmente, a obesidade tem sido considerada a mais importante desordem nutricional nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, devido ao aumento da sua incidência. Várias explicações têm sido dadas para o aumento da prevalência da obesidade, sendo classificadas em três categorias: as que o atribuem às mudanças das características genéticas, as que o atribuem às condições ambientais e, finalmente, aquelas para as quais as mudanças se devem à interação de fatores genéticos e ambientais. Considerando os aspectos citado, o objetivo do presente estudo, é identificar por meio de uma revisão de literatura os fatores de influência e vulnerabilidade para determinada patologia, e qual o impacto da mesma na saúde pública. O mundo contemporâneo também possui relação com a obesidade, a rotina altamente desgastante e cada dia mais corrida, faz com que as pessoas tenham cada vez menos tempo para cuidar da saúde, e substituam refeições importantes por lanches rápidos e muitas vezes de baixo valor nutricional, ate mesmo entre crianças em adolescentes. Considerando isso, é de extrema importância que a obesidade seja estudada, a fim de descobrir seus fatores de risco e influência e formas de prevenção da cronicidade.

Palavras-chave: Obesidade; Saúde; Prevenção.

Área do Conhecimento: Ciências da Saúde.

1 INTRODUÇÃO

A obesidade é uma doença caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura corporal em nível que compromete a saúde dos indivíduos, acarretando prejuízos tais como alterações metabólicas, dificuldades respiratórias e do aparelho locomotor. Além de se constituir enquanto fator de risco para enfermidades tais como dislipidemias, doenças cardiovasculares, diabetes melito tipo II e alguns tipos de câncer (FERREIRA; WANDERLEY 2007).

Segundo Ferreira et.al. (2007, p.2):

Atualmente, a obesidade tem sido considerada a mais importante desordem nutricional nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, devido ao aumento da sua incidência. De acordo com os dados da Organização Mundial de Saúde, esse agravio possivelmente atinge 10% da população destes países. Nos países da América, a obesidade vem aumentando, para ambos os gêneros, tanto em países desenvolvidos quanto nas sociedades em desenvolvimento. Na Europa, verificou-se num decênio um incremento entre 10% a 40% da obesidade na maioria dos países. Na região Oeste do Pacífico, compreendendo a Austrália, o Japão, Samoa e China, também nota-se a elevação da prevalência da obesidade. No entanto, a China e o Japão, apesar do aumento da obesidade em comparação com outros países desenvolvidos, apresentam as menores prevalências mundiais. Nos continentes africano e asiático, a obesidade é ainda relativamente incomum, sendo que sua prevalência é mais elevada na população urbana em relação à população

rural. Mas nas regiões economicamente avançadas destes continentes, a prevalência pode ser tão alta quanto nos países desenvolvidos.

Várias explicações têm sido dadas para o aumento da prevalência da obesidade, sendo classificadas em três categorias: as que o atribuem às mudanças das características genéticas, as que o atribuem às condições ambientais e, finalmente, aquelas para as quais as mudanças se devem à interação de fatores genéticos e ambientais. Do ponto de vista epidemiológico, tudo conduz às explicações ambientalistas, uma vez que, nas últimas décadas, não ocorreram alterações substanciais nas características genéticas das populações, ao passo que as mudanças nos seus hábitos foram enormes (MONTEIRO; CONDÉ 1999).

A obesidade é considerada uma doença integrante do grupo de Doenças Crônicas não transmissíveis (DCNT), as quais são de difícil conceituação, gerando aspectos polêmicos quanto à sua própria denominação, seja como doenças não infecciosas, doenças crônicas-degenerativas ou como doenças crônicas não-transmissíveis. (PINHEIRO et.al. 2004).

Em estudos de populações, o Índice de Massa Corporal (IMC) (definido pelo peso em kg dividido pela altura em metros quadrados) torna-se medida útil para avaliar o excesso de gordura corporal, sendo consensual admitir que, independentemente de sexo e idade, adultos com IMC igual ou superior a 30kg/m² devem ser classificados como obesos. (PINHEIRO et.al 2004).

De acordo com Mendonça e Anjos, (2003, p.3):

Os dois aspectos mais apresentados como relacionados a um quadro de balanço energético positivo têm sido mudanças no consumo alimentar, com aumento do fornecimento de energia pela dieta, e redução da atividade física, configurando o que poderia ser chamado de estilo de vida ocidental contemporâneo. Assim, fica claro o papel dos aspectos socioculturais nesta determinação, formando uma rede de fatores, cuja aproximação vai permitir compreender e intervir no atual quadro em evolução.

Considerando os aspectos citados, o objetivo do presente estudo, identificar por meio de uma revisão de literatura os fatores de influência e vulnerabilidade para determinada patologia, e qual o impacto da mesma na saúde pública.

2 METODOLOGIA

O presente estudo configura uma pesquisa de base bibliográfica, de revisão sistemática da literatura, de caráter exploratório e de natureza quanti-qualitativa. Conforme esclarece Boccato (2006, p. 266):

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

No processo de levantamento bibliográfico serão analisados os critérios norteadores: Obesidade e sedentarismo, obesidade como problema de saúde pública, fatores de influência para a obesidade, obesidade e hábitos de vida.

Os levantamentos dos artigos terão como base bibliográfica artigos e manuais do Ministério da Saúde (MS), fomentando o banco de dados a Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Revista Brasileira de Educação e Saúde (REBES), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), bem como, outras que se fizerem necessárias dentro do campo de aplicação da pesquisa.

Os resultados encontrados serão apresentados e discutidos, a fim de promover uma conscientização e explicação da importância de se estudar e prevenir a obesidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Mendonça e Anjos, (2003, p 3-4):

Especialmente após a Segunda Guerra Mundial, mudanças no perfil epidemiológico com o aumento da prevalência de doenças crônicas não transmissíveis, tais como as doenças cardiovasculares, diversos tipos de câncer, diabetes, e obesidade, nos países do hemisfério norte, propiciaram a ampliação das correlações causais com a alimentação, redução de atividade física e outros aspectos vinculados à vida urbana. Atualmente, estas doenças também são entendidas como problemas de saúde pública nos países do hemisfério sul ou "países pobres", como denominam alguns autores.

Atualmente, a obesidade tem sido considerada a mais importante desordem nutricional nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, devido ao aumento da sua incidência. Dados da Organização Mundial de Saúde mostram que, esse agravo possivelmente atinge 10% da população destes países. Nos países da América, a obesidade vem aumentando para ambos os gêneros, tanto em países desenvolvidos quanto nas sociedades em desenvolvimento (FERREIRA et.al., 2007).

Ao se focalizar a obesidade pelos aspectos vinculados a alterações na dieta, cabe destacar que o aumento da ingestão energética pode ser decorrente tanto da elevação quantitativa do consumo de alimentos de baixo valor nutricional, que se caracterizem pela ingestão de alimentos com maior densidade energética, ou pela combinação dos dois. O processo de industrialização dos alimentos tem sido apontado como um dos principais responsáveis pelo crescimento energético da dieta da maioria das populações do Ocidente. (MENDONÇA et.al., 2003).

De acordo com Coutinho et.al., (2008, p.332)

Ao mesmo tempo em que se assiste à redução contínua dos casos de desnutrição, são observadas prevalências crescentes de excesso de peso, contribuindo com o aumento das doenças crônicas não transmissíveis. A essas são associadas às causas de morte mais comuns atualmente. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a hipertensão arterial e a obesidade correspondem aos dois principais fatores de risco responsáveis pela maioria das mortes e doenças no mundo.

Segundo relatos de um estudo feito por Coutinho et.al. 2008, no Brasil, as doenças cardiovasculares correspondem à primeira causa de morte há pelo menos quatro décadas, acompanhada de um aumento expressivo da mortalidade por diabetes e ascensão de algumas neoplasias malignas.

As doenças crônicas não transmissíveis, por serem de longa duração, são as que mais demandam ações, procedimentos e serviços de saúde, gerando no Brasil uma sobrecarga do Sistema Único de Saúde (SUS). Há uma estimativa de que os gastos do Ministério da Saúde com atendimentos ambulatoriais e internações em função das doenças crônicas não transmissíveis sejam de aproximadamente R\$ 7,5 bilhões por ano. (COUTINHO et.al., 2008)

Ou seja, tal situação ocasiona um problema de saúde pública, a demanda de doentes crônicos requer um tratamento mais prolongado e contínuo, fazendo com que os estabelecimentos de saúde tenham mais gastos com um único paciente, e a demanda seja maior que a oferta.

Segundo Coutinho et.al., 2008, a obesidade, a hipertensão e o diabetes são propiciados pelo perfil alimentar encontrado entre as famílias brasileiras, em que há uma participação crescente de gorduras em geral, gorduras de origem animal e alimentos industrializados ricos em açúcar e sódio e a diminuição de cereais, leguminosas, frutas, verduras e legumes, o sedentarismo possui relação direta com doenças crônicas, principalmente a diabetes e hipertensão.

O mundo contemporâneo também possui relação com a obesidade, a rotina altamente desgastante e cada dia mais corrida, faz com que as pessoas tenham cada vez menos tempo para cuidar da saúde, e substituam refeições importantes por lanches rápidos e muitas vezes de baixo valor nutricional, até mesmo entre crianças em adolescentes.

Observa-se que pais e mães concentram esforços no crescimento profissional e material, para manterem seu poder aquisitivo e se conservarem em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo, exigente de produtividade e eficiência. Pela falta de tempo não apresentam disposição para o convívio com os filhos, e uma alimentação inadequada fora de casa. Um dos aspectos antropológicos que mais caracterizam as relações contemporâneas é o fenômeno do declínio do convívio. Na atualidade, se come cada vez mais sozinho, os fast foods são o protótipo da vida contemporânea, marcada por um consumo solitário, sem tempo, de um alimento pré-fabricado. (PARIZZI e LAMOUNIER 2007).

De acordo com Parizzi e Lamounier, (2007, p. 70):

Dentre os principais fatores externos relacionados com o desenvolvimento da obesidade foram destacados: a exposição prolongada à escassez de alimentos – intra ou extra-uterina – levando à desnutrição e tendência à obesidade posteriormente; a transição nutricional com a troca do padrão

tradicional para o padrão contemporâneo (preferência por alimentos industrializados) e o estilo de vida urbano, marcado pelo sedentarismo da população nas últimas décadas.

Na obesidade é fundamental prevenção e controle, que implica a economia de elevados recursos financeiros destinados ao tratamento da própria doença, como também doenças associadas ou decorrentes. As doenças cardiovasculares como infartos agudos do miocárdio, morte súbita, insuficiência cardíaca por coronariopatia, assim como as doenças cerebrovasculares, como os acidentes vasculares cerebrais isquêmicos e hemorrágicos, são responsáveis por mais da metade dos óbitos no Brasil. (PARIZZI e LAMOUNIER, 2007).

Atualmente, não existem dúvidas de que uma abordagem preventiva deve ser já iniciada na infância e adolescência. Além de a intervenção ser benéfica, é importante lembrar que na infância são formados os hábitos alimentares e de atividade física. Os primeiros dois anos e também na fase pré-escolar são os períodos de risco pela hipertrofia e hiperplasia dos adipócitos. A obesidade infantil e na adolescência está diretamente relacionada à obesidade na idade adulta, pois cerca de 50% de crianças obesas aos seis meses de idade e 80% das crianças obesas aos cinco anos de idade permanecerão obesas. Além disso, aterosclerose e hipertensão arterial, doenças típicas de adultos, são processos iniciados na infância e relacionados à obesidade. Crianças alimentadas com mamadeira ou com dieta mais próxima do adulto correm mais riscos. (PARIZZI e LAMOUNIER 2007).

4 CONCLUSÃO

De acordo com o exposto, podemos concluir que, a obesidade é um problema de saúde pública pois, além de ser uma doença crônica a demanda de doentes é cada vez maior que a oferta de tratamento, além dos gastos do Sistema Único de Saúde (SUS). Além disso, a obesidade é fator desencadeante a outras doenças crônicas tais como: Hipertensão, diabetes. Portanto é muito importante que a obesidade seja estudada e discutida, a fim de uma abordagem preventiva dentro dos sistemas de saúde para adolescentes, adultos e principalmente pais e mães para que insiram uma rotina saudável desde a infância, reduzindo assim o índice de obesidade e cronicidade da população. Assim, a prevenção já começa com as boas regras da alimentação na infância, desde o nascimento, pela amamentação exclusiva até os seis meses de vida, forma mais adequada e natural para alimentar o ser humano. O incentivo ao aleitamento materno, por exemplo, é um dos fatores de proteção e prevenção contra a obesidade.

5 REFERÊNCIAS

- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- COUTINHO, Janine Giubert; GENTIL, Patricia Chaves; TORAL, Natacha. **A desnutrição e obesidade no Brasil:** o enfrentamento com base na agenda única da nutrição Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 24 Sup 2:S332-S340, 2008.
- FERREIRA, Vanessa Alves; WANDERLEY, Emanuela Nogueira. **Obesidade:** uma perspectiva plural. Acesso em: 15.out.2018. Disponível em: https://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S141381232010000100024&script=sci_arttext.
- MENDONÇA, Cristina Pinheiro; ANJOS, Luiz Antônio dos. **Aspectos das práticas alimentares e da atividade física como determinantes do crescimento do sobrepeso/obesidade no Brasil.** Acesso em: 10.out.2018. Disponível em: https://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S0102311X200400030006&script=sci_arttext.
- MONTEIRO, CA. Epidemia: obesidade já é o segundo maior fator de risco na cidade. *Folha de São Paulo* 2004
- MONTEIRO, C. A. & CONDE, W. L. A., 1999. **Tendência secular da obesidade segundo estratos sociais:** Nordeste e Sudeste do Brasil, 1975-1989-1997. Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabolismo, 43:186-194.

POPKIN, B. M., 2001. The nutrition transition and obesity in the developing world. *Journal of Nutrition*, 131:871S-873S.

PARIZZI, Marcia Rocha; LAMOUNIER, Joel Alves. **Obesidade e saúde pública**. Anjos LA. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006.

PINHEIRO, Anelise Rízzolo de Oliveira; FREITAS, Sérgio Fernando Torres de; CORSO, Arlete Catarina Tittoni. **Uma abordagem epidemiológica da obesidade**. Revista de Nutrição, Campinas, v. 17, n. 4, p. 523-533, 2004.